



SENADO FEDERAL



Sessão Especial
destinada a comemorar o
30^o Aniversário da criação do
**Instituto
Jacques Maritain**

BRÁSÍLIA
2005



SENADO FEDERAL

**Sessão Especial destinada a comemorar o 30º
aniversário da criação do Instituto Jacques Maritain,
realizada em 7 de dezembro de 2005**

BRASÍLIA – 2005

**Sessão especial destinada a comemorar o 30º aniversário da criação do Instituto Jacques Maritain, realizada em 7 de dezembro de 2005. – Brasília : Senado Federal, 2005.
37 p.**

1. Discurso parlamentar, Brasil. 2. Instituto Jacques Maritain. I. Brasil. Congresso Nacional. Senado Federal.

CDD 320.981

O SR. PRESIDENTE (João Alberto Souza) – Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Declaro aberta a sessão especial do Senado Federal que se destina a comemorar o 30º aniversário da criação do Instituto Jacques Maritain, em atendimento ao Requerimento nº 140, de 2005, do nobre Senador Marco Maciel e de outros Srs. Senadores.

Tenho a honra de convidar, para comporem a Mesa, Dom José Freire Falcão, Arcebispo Emérito de Brasília; Dom Edson Luiz Campos da Silva, Bispo da Igreja Católica Apostólica Brasileira; e o Sr. Patrus Ananias, Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Concedo a palavra ao nobre Senador Marco Maciel.



O SR. MARCO MACIEL (PFL – PE) – Exmº Sr. Senador João Alberto Souza, Presidente desta sessão; Revº Sr. Dom José Freire Falcão, Cardeal e Arcebispo Emérito de Brasília; Exmº Sr. Patrus Ananias, Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Revº Sr. Dom Edison Luiz da Silva, Bispo da Igreja Católica Apostólica Brasileira; Revº Sr. Dom João Evangelista Terra, Bispo Auxiliar Emérito de Brasília; Revº Sr. Padre José Carlos Brandi Aleixo, Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais; Srªs e Srs. Senadores; ilustres convidados; senhores representantes de Embaixadas credenciadas perante o Governo brasileiro,

inclusive o representante da Embaixada de Portugal; minhas senhoras e meus senhores, o momento em que reverenciamos a vida e a obra de Jacques Maritain – filósofo, teólogo, professor e político – faz-nos refletir sobre a necessidade de prosseguir no culto de seu denso legado e aviventá-lo com o fecundo *aggiornamento* de sua rica doutrina. É o que fazem o Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, criado em 1983, no Rio de Janeiro, e o Instituto Jacques Maritain, estabelecido há mais de três décadas em Roma e, desde 1992, instalado em São Paulo. Eles, além de propagar o maritainismo, cuidam igualmente de apreciar a obra de outros pensadores cristãos, como o Padre Louis Lebreton, Teilhard de Chardin, Edmond Mounier, Iginio Giordani e o próprio Alceu Amoroso Lima, também conhecido pelo pseudônimo de Tristão de Ataíde.

Nascido em Paris no final do século XIX, Maritain foi amigo de Charles Péguy e se converteu à religião católica por intermédio de León Bloy. Foi casado com Raïssa, judia russa, que o acompanhou em toda a sua existência e o incentivou no aprofundamento de sua espiritualidade. O casal viveu os últimos anos retirado no eremitério de Tamanrasset, entregue à ascese da oração, penitência e caridade, em companhia do Padre Charles de Foucauld, francês convertido ao catolicismo, qual Maritain, cujo extraordinário exemplo de sacrifício levou-o à honra dos altares, por beatificação, mês passado, pelo Papa Bento XVI.

Falecido em 1973, autor de perto de quatro dezenas de livros, escreveu, no desabrochar do século XX, seu ensaio inicial *A Ciência Moderna e a Razão*, trabalho predominantemente de filosofia teórica, fase que se prolongou até 1935, a partir de quando se dedicou prevalementemente à filosofia prática, na qual reponta o *Humanismo Integral*, inegavelmente sua obra-prima.

Reconhecido em todo o mundo pela percuciência e sereno desassombro de continuador de Santo Tomás de Aquino, ao formular seu neotomismo essencialista, enfrentou os mais acatados filósofos, teólogos e pensadores desde o medievo à atualidade, analisando e rebatendo-lhes não somente os conceitos, mas sobretudo as conclusões que deles derivavam,

mostrando o drama que um humanismo egocêntrico estava acarretando para a sociedade de nossos tempos. Reproduzindo em apertada síntese a avaliação de Maritain, perpassa ele pela evolução do pensamento humano, desde o regime da cristandade medieval, com o seu mero humanismo virtual e implícito, até o individualismo burguês do século XIX e os totalitarismos marxista, nazista e fascista da centúria passada. Este, o desfecho fatal de nossos dias: que o processo haja sido comandado por um espírito antropocêntrico – no qual o ser humano, saliente-se, passa a ser ele próprio o centro de si mesmo, provocando a tríplice tragédia – do homem, da cultura e do próprio Deus. Num primeiro momento da Idade Moderna, o Racionalismo construiu uma imagem orgulhosa da personalidade humana, ciosa de sua perfeição por essência, que inadmitia qualquer intervenção externa, proviesse ela da revelação e da graça ou de uma lei da qual o homem não tivesse sido o autor; num segundo momento, o da Dialética Humanista, Deus será uma tosca imagem, como o limite ideal do desenvolvimento do mundo e da humanidade; e, num terceiro momento, ao Nihilismo de Nietzsche incumbirá o anúncio da morte de Deus...

É aí que surge Maritain com seu novo humanismo – o Humanismo Integral –, teocêntrico, um projeto político que ele desvenda como sendo “o despertar da consciência cristã e os problemas estritamente temporais, sociais e políticos, implicados na restauração de uma nova cristandade, trarão consigo o renascimento de novas formas políticas específicas, apropriadas ao aparecimento de inspiração intrinsecamente cristã”. Esse projeto se desdobra em três níveis: comunitário, personalista e pluralista. Comunitário – porque tem no bem comum a exigência suprema da natureza humana, bem comum esse que difere de uma simples soma dos bens privados, sendo superior aos interesses do indivíduo, mera parte que é do todo social. Personalista – porque consiste numa busca perene da perfeição e da liberdade, de molde a que o homem possa desenvolver os diversos degraus de sua vida no material, no intelectual e no moral. Pluralista – porque, em oposição ao totalitarismo do Estado, deve-se contrapor à “concepção de

uma cidade pluralista, que reúne em sua unidade orgânica uma diversidade de grupos e de estruturas sociais”.

Em suma, se os seres humanos vivem em sociedade; se “o fim da sociedade é o seu bem comum”; se “a pessoa humana tem direitos, por isso mesmo que é uma pessoa”, ao ser dotada de inteligência; se os direitos da pessoa se fundamentam numa lei natural, não escrita, anterior à lei positiva dos Estados; em que consistiria, enfim, esse proposto ideal histórico de um projeto político genuinamente humano? Ou seja, se *res publica* significa “a coisa do povo”, quer dizer, “o bem comum de todos”; se este é o conceito romano de *civitas*, paralelo ao da *polis* grega, de cujo tema deriva *politikós*, o que é, então, a política? Enfático, já a definira atiladamente Aristóteles como a “arte das artes, (...) a ciência superior a todas as demais, pois seu fim é o bem maior, no seu grau supremo, residindo na justiça”. Esse conteúdo ético em defesa da liberdade é o que qualifica sua extensão às variadas comunidades e aos diversos corpos sociais, partindo da família como a base fundamental da sociedade; é o que justifica estender-se a condição de homem público a quem quer que seja, mesmo que não exerça nem haja exercido atividades governamentais, desde que empenhado – como cidadão – ao serviço do bem geral. Porquanto “política” se confunde com seu próprio objetivo: constituir-se ciência e arte, virtude e dever cívico.

Explica-se, assim, a importância que Maritain confere aos leigos, aos quais cabe a interpretação dos fatos sociais, oferecendo soluções viáveis para a construção de nova sociedade, mais humana e mais justa, a qual se comprometa com os pobres e indefesos da sociedade. Sua presença visa à construção de um Estado laico, dentro do pluralismo, elaborando uma filosofia social, política e econômica, não presa a abstratos princípios universais, mas a realizações concretas, ou seja, a uma filosofia comunitária e personalista. Daí igualmente que se hajam criado movimentos, associações e, ressalte-se, partidos de inspiração humanista, como formas de renovação e atualização de princípios e valores, qual o movimento Economia e Humanismo, na França, do Padre Lebret, que, aliás, é bom lembrar, esteve no Brasil, no Nordeste, especial-

mente em Pernambuco, e cuja experiência de uma proposta de desenvolvimento regional ainda hoje é extremamente útil. Assim como o Instituto Jacques Maritain, com representações na Venezuela, Cuba, El Salvador, República Dominicana, Bolívia e Guatemala, tal como no Brasil, cujos prógonos aqui foram Alceu Amoroso Lima e Franco Montoro, como também a congênere brasileira – o Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, vinculado à Universidade Cândido Mendes –, sob a direção do Professor Cândido Mendes de Almeida e tendo no Dr. Alceu Amoroso Lima Filho seu Presidente de Honra, essas instituições vêm concretizando suas metas, mediante núcleos instalados em várias de nossas universidades.

Mas, Sr. Presidente, é na altura de seu posicionamento político-filosófico que Maritain surpreende, advertindo: “O humanismo ocidental tem raízes religiosas e transcendentais”. Isto é, suas fontes são tanto clássicas quanto cristãs. Por isso, seu humanismo integral deve adquirir a forma de uma nova cristandade, não mais “sagrada”, porém laica, objetivando a construção de um ideal histórico concreto. Como o essencial ao bem comum é “respeitar e servir os bens supratemporais da pessoa humana, a cujo serviço deve estar, a sociedade política terrena não tem como fim conduzir a pessoa à sua perfeição espiritual”, mas a “desenvolver condições que levem a multidão a um grau de vida material, intelectual e moral conveniente para o bem e a paz do todo”. E, dessa forma, a cidade temporal terrena, portanto, pode e deve ligar-se nas cidades do mundo, não de uma maneira unívoca, mas análoga. “Não se colima um partido político de etiquetas religiosa – oportuno salientar –, ‘como o ‘Centrum alemão’, porém um ou vários grupos políticos de denominação e especificação política... e de espírito autenticamente cristão; pois neste plano homens unidos na mesma fé religiosa podem muito bem diferir e opor-se uns aos outros’. Além disso, o que interessa é que na relação da religião com a política, a atividade desta seja cristamente inspirada”.

Prossigo citando Maritain: “A atividade política em questão... não requer todos os cristãos e não requer apenas cristãos;... e tais não-cristãos que reconheçam, de maneira mais

ou menos completa, o bem fundado nesta filosofia”. E ainda: “Deverá, evidentemente, a questão da legitimidade do regime, em certos casos, levantar-se diante deles;... é a consideração empírica do mal menor que decidirá a questão...”

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, ilustres convidados, Péricles, homenageado ao se dar ao século V antes de Cristo o seu próprio nome, monopolizou a cena política de Atenas durante 30 anos e aprofundou as raízes democráticas em sua pátria. No seu discurso de celebração da guerra do Peloponeso, enfatizou dever sua cidade ser governada pela intervenção pessoal de todos os cidadãos e anatematizou a quem não partilhava dessa obrigação cívica, porquanto “um homem que não participa da política é de ser considerado não um cidadão tranqüilo, mas um cidadão inútil...”

Maritain, ao lançar seu Humanismo Integral nos idos de 1936, foi um autêntico e corajoso precursor, antes mesmo do Concílio Vaticano II, do aggiornamento da Igreja Católica e demais igrejas cristãs, bem como da Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela ONU 12 anos após, isto é, em 1948, na célebre Conferência de Paris.

A propósito, lembra com propriedade o Professor Padre José Carlos Brandi Aleixo e, aliás, inspirador desta sessão especial que ora realiza o Senado Federal, lembra o Professor Aleixo que “para a elaboração do projeto, a que me referi, da Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Unesco solicitou a personalidades de grande renome trabalhos pertinentes. Entre essas personalidades incluiu-se, naturalmente, Jacques Maritain. Coube a ele, também, a difícil tarefa de escrever uma introdução à coletânea das respostas que a Unesco recebeu, inclusive a sua própria. Esses dois textos primorosos de Maritain – cito mais uma vez o Padre Aleixo – “permitem entender ainda mais o seu vigoroso pensamento a respeito dos direitos humanos”.

Na Declaração de 1948, em acolhimento a sugestões de Maritain, entre outras, proclamou-se, sobrelevando a dignidade da pessoa humana e excluindo qualquer discriminação, que:

I – Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Também afirmou-se que:

II – Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Muitos desses princípios, recorde-se por oportuno, foram inscritos no preâmbulo de nossa Constituição Federal de 1988 “para instituir um Estado democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias....”

M’bow Amadou-Mahtar, então Diretor-Geral da Unesco, registra a professora Maria Judith Sucupira da Costa Lins, da URFJ, declarou, após a morte de Maritain, que sua cooperação em prol da democracia, como homem público, é inestimável, “motivo pelo qual ele pode ser considerado um dos pais fundadores da Unesco”.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, a homenagem que o Senado Federal, Câmara Alta das instituições representativas brasileiras, hoje tributa a Jacques Maritain reafirma o nosso compromisso voltado para a edificação de uma sociedade democrática, ciente de que a conquista e a defesa da liberdade, bem como a busca da verdade, são essenciais à expressão mais autêntica de nossa missão – a qual se identifica com a mensagem que Maritain nos transmitiu no seu humanismo integral – um projeto político do “ideal histórico de uma nova cristandade”.

Era o que tinha a dizer. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (João Alberto Souza) – Concedo a palavra ao nobre Senador Jefferson Peres.



O SR. JEFFERSON PÉRES (PDT- AM) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, ilustres convidados, louvo o Senado Federal, em particular o Senador Marco Maciel, pela realização desta sessão, que é um esforço para não deixar cair no esquecimento a figura do grande pensador Jacques Maritain. Associo-me a esta homenagem lendo o texto a seguir sem a menor pretensão de dizer algo original ou novo a respeito do grande humanista.

Não é muito difícil para mim me sentir simultaneamente orgulhoso e intimidado pelo convite para participar desta homenagem à memória de Jacques Maritain, pelo transcurso do 30^o aniversário do Instituto que leva o seu nome. O sentimento de orgulho decorre, naturalmente, da oportunidade de falar desse gigante do humanismo contemporâneo em evento possibilitado pela iniciativa do meu ilustre colega e acadêmico Marco Maciel, Senador que é uma das expressões mais lúcidas e simpáticas do nosso mundo político. Orgulho-me igualmente de saudar este Plenário abrilhantado pelo comparecimento de um intelectual de grande valor como jesuíta, cientista político e Professor Titular aposentado da UnB, Padre José Carlos Brandi Aleixo, filho do saudoso e impecável homem público mineiro Pedro Aleixo. Ao lado do Padre, registro também a presença de Alceu Amoroso Lima Filho, cujo pai iluminou o cenário político e literário brasileiros, ao longo de quase

todo o século passado. Muito devemos ao Dr. Alceu como tradutor, prefaciador e divulgador das obras de Maritain em nosso País.

Já o sentimento de intimidação nasce do desafio de fazer justiça a uma obra poliédrica, que abrange as mais variadas dimensões do espírito humano – teologia, metafísica, lógica, ética, estética, filosofia (da história da educação, da sociedade e da política) – tratadas com rigor e profundidade no estilo brilhante que durante séculos foi o apanágio da melhor prosa francesa. Em razão desses méritos, por sinal, a Academia Francesa recebeu Jacques Maritain como um dos seus.

Em vista das bandeiras que **defendo e sempre defendi** na minha vida pública e também **da perene atualidade do tema**, decidi focalizar neste discurso a ética e a política em Maritain.

Afinal, ninguém melhor do que ele para aquilatar as dificuldades e incompreensões enfrentadas por aqueles que advogam a primazia da ética na vida dos cidadãos, qualquer que seja sua parcela de responsabilidade nas decisões que afetam a todos, mesmo que ela se limite, muitas vezes, ao dever de escolher os governantes, como revela esta significativa passagem:

Quando os moralistas insistem na imutabilidade dos princípios morais, são criticados por nos impingirem exigências insuportáveis. Quando esclarecem o modo pelo qual tais princípios devem ser colocados em prática, levando em conta a diversidade das situações concretas, são acusados de relativismo moral. Em ambos os casos, porém, eles nada mais fazem que defender o direito da razão a dirigir a vida.

A missão da ética é humilde, mas é também magnânima, pois sustenta a aplicação flexível de princípios morais imutáveis ainda que em meio às agonias de um mundo infeliz, enquanto nele houver um lampejo de humanidade.

É preciso coragem para viver de acordo com essa crença. E coragem nunca faltou a Maritain para enfrentar as tragédias do seu tempo e irradiar esperanças para o futuro.

Do seu exílio norte-americano durante a Segunda Guerra, o adversário intransigente dos totalitarismos nazista e stalinista deu testemunho de solidariedade à sua França prostrada e a uma Europa esmagada por meio de obras como *Cristianismo e democracia* e *Os Direitos do Homem* e a *Lei Natural*. Com visionária coragem, Maritain lançou seu olhar para além do caos, do morticínio, da abjeção e da dor, a fim de oferecer aos homens e mulheres de boa vontade um roteiro de reconstrução social, política e espiritual ancorado na dignidade inegociável da pessoa humana. Dotadas de razão e vontade por Deus, as pessoas só realizam suas potencialidades no seio de uma sociedade democrática.

O SR. PRESIDENTE (João Alberto Souza) – Senador Jefferson Péres, peço licença a V. Ex^a para convidar a participar da Mesa o Dr. Alceu Amoroso Lima Filho, que é o Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil. *(Pausa.)*

Muito obrigado. Continua com a palavra V. Ex^a, Senador Jefferson Péres.

(O Dr. Alceu Amoroso Lima Filho dirige-se à mesa, onde toma assento à esquerda do Rev^{mo} Bispo Dom Edson Luiz Campos da Silva.)

O SR. JEFFERSON PÉRES (PDT – AM) – Eu o mencionei no início de meu pronunciamento; julgava-o presente.

Inspirado em Santo Tomás de Aquino, acreditava Maritain que a fonte do poder é Deus, mas esse poder só se manifesta por intermédio do povo organizado em uma sociedade política pluralista, diversificada e ativa, na qual o Estado funciona como instrumento para a realização do bem comum.

Em poucas palavras, o Governo, com seus mecanismos de representação e administração, existe para servir ao povo e não para servir-se deste.

Assim pensava e sentia o grande promotor da conciliação definitiva entre o catolicismo e a democracia – sem clericalismo; confiante na cooperação dos fiéis de vários credos (e mesmo dos agnósticos e ateus) no projeto e manejo das instituições saudáveis – essa referência eu a faço porque à época

nem todos os pensadores católicos da Europa, infelizmente, tinham compromisso com a democracia –; ciente, porém, da matriz cristã dos valores e sentimentos genuinamente democráticos, qual seja, a noção de igualdade essencial e universal entre os filhos do mesmo Deus.

O tema “ética e política” atravessa o conjunto da reflexão de Maritain acerca dos rumos da sociedade e do imperativo de sua transformação conforme as exigências cristãs de liberdade com responsabilidade pessoal, fraternidade, justiça e paz. Julgo, no entanto, que a questão é condensada e discutida de forma particularmente feliz em dois momentos: o primeiro deles no ensaio de 1942, “*O fim do maquiavelismo*”, em seguida incorporado à coletânea “*Princípios de uma Política Humanística*”; e o segundo no capítulo intitulado “*O Problema dos Meios*”, de “*O Homem e o Estado*”, ponto alto de sua reflexão política, traduzido no Brasil pelo Dr. Alceu.

Diante daqueles que se deixam inebriar pela lógica de que os fins justificam os meios – e como isso é atual – Maritain, lança a pergunta desafiadora: por quanto tempo? Êxitos baseados em crimes, injustiças e crueldades – adverte – tendem a ser precários e efêmeros.

Nas suas próprias palavras:

O maquiavelismo é ilusão porque assenta no poder do mal e porque, metafisicamente, o mal, como tal, não tem poder para causar o ser; praticamente, o mal não tem poder para causar qualquer realização durável. No que respeita às entidades morais, tais como os povos, os Estados e as nações, é no tempo que suas ações são sancionadas; é na terra que o ônus todo de fracasso e de vazio que grava qualquer ação má cometida pela comunidade ou por seus chefes deverá normalmente se exaurir (...) Em regra geral, maquiavelismo e a injustiça política, se conseguem sucessos imediatos, só convêm a certos domínios ilimitados da atividade política.

Em sua visão, o regime democrático, república de homens e mulheres livres, por ser um Estado de direito e um governo de leis, é incompatível com a filosofia de Maquiavel, que erigiu a injustiça, a mentira e a violência como princípios de ação.

De outra parte, a verdadeira ética política não pode ser confundida com o que Maritain condenou como hipermoralismo – o apego às idéias puras, desatento às “realidades da natureza humana e da realidade social”, o que implica conivência passiva com a impune expansão do mal. Em poucas palavras, é imoral compactuar com a impunidade por medo ou tédio de combatê-la.

A validade do legado de Maquiavel está circunscrita ao conhecimento minucioso e acautelador de como a maioria dos políticos e governantes se conduziu ontem e continuará fazê-lo na maior parte das vezes. A perfídia, os vícios e as fraquezas não foram inventados pelo secretário florentino, pois constituem “o triste quinhão de males” que sempre atormentou a humanidade.

O que cumpre repudiar é a prescrição maquiavélica do recurso sistemático ao mal como fundamento do poder político.

Essas reflexões de Maritain, ensejadas pela urgente necessidade de derrotar o amoralismo mortífero do nazi-fascismo, permanecem atualíssima no sofrido, perplexo e indignado Brasil de hoje.

Para Maritain, portanto, a escolha dos meios pode dignificar ou aviltar os fins. Conforme seus ensinamentos, “o principal fim (...) da sociedade política é o de melhorar as condições da própria vida humana ou de alcançar o bem comum (...) de tal modo que cada pessoa concreta não somente em uma classe privilegiada, mas através de toda a massa da população, possa realmente alcançar aquela medida de independência que é própria da vida civilizada e que é garantida simultaneamente pela segurança econômica do trabalho e da propriedade, pelos direitos políticos, pelas virtudes cívicas e pelo cultivo do espírito”.

Assim sendo, adverte o filósofo, se a democracia, cujas finalidades são liberdade e justiça, emprega meios “fundamentalmente incompatíveis” com ambas, seu “auto-aniquilamento” afigura-se inevitável.

O zênite do prestígio internacional de Jacques Maritain foi alcançado no período que se seguiu ao término da guerra.

Participou do comitê internacional de vinte sábios e homens públicos constituído pela Unesco, em 1947, para subsidiar a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que seria aprovada pela Assembléia-Geral das Nações Unidas no ano seguinte. Como recorda o Padre Aleixo em seu primoroso ensaio "*Os Direitos Humanos na Vida e Obra de Jacques Maritain*", coube a este "a difícil tarefa de escrever uma introdução à coletânea das respostas que a Unesco recebeu, inclusive a sua própria".

Não é possível subestimar a ascendência exercida pelo humanismo progressista de Maritain, nessa mesma época, sobre os movimentos, partidos e líderes da democracia cristã, como Konrad Adenauer, na Alemanha; Alcide de Gasperi, na Itália; e Robert Schumann, na França, que protagonizaram a reconstrução da Europa do pós-guerra, contribuindo decisivamente para consolidar uma legítima ordem de prosperidade econômica, equidade social e democracia política.

Menos conhecida (e reconhecida) é a repercussão dessas idéias e propostas em alguns dos mais notáveis homens públicos da América Latina e do Brasil. Dois deles me ocorrem de pronto à memória: Rafael Caldera, fundador do Copei e ex-presidente venezuelano, e o nosso saudoso André Franco Montoro, que por doze anos ocupou, com brilhantismo, dignidade e coragem, uma cadeira neste Senado, representante de São Paulo e líder oposicionista em pleno regime militar.

Antes de concluir minha fala, quero me valer novamente do ensaio do Padre Aleixo, que selecionou uma série de depoimentos importantes de personalidades públicas do Brasil e de outros países da América Latina sobre o legado político e intelectual de Jacques Maritain.

Passo a reproduzir dois deles. No primeiro, o Deputado mineiro Edgard de Godoi da Mata-Machado, da UDN, e, mais tarde, do MDB, quando afirma:

"Para a minha geração, Maritain foi não apenas um mestre da doutrina, mas um exemplo humano. Ele deu testemunho da autenticidade de sua fé e de seu amor, em cada um dos maiores e dos menores movimentos de nossa época. Testemunho de afirmação, pelas suas obras. Testemunho de ação, pelas

atitudes que assumiu [...] É esse Maritain autenticamente renovador, nuclearmente revolucionário que esperamos sobreviva nos que saibam descobrir, aprofundar e desvelar o tesouro do seu pensamento, assim como manter-se fiéis à linha de conduta que emerge das posições por ele assumidas."

O segundo testemunho é de Ismael Bustos e Eduardo Frei Montalva, bem antes de este se tornar Presidente do Chile, quando da comemoração dos setenta anos de Maritain:

"Ao chegar aos 70 anos, tem Maritain um vasto auditório... Quantos são seus seguidores seria impossível dizer; mas estão [...] unidos por secreta afinidade. Receberam do mestre um inestimável concurso: ele lhes definiu e aclarou idéias, sem as quais sua ação teria carecido de conteúdo, para transformar-se em ativismo inquieto, e lhes abriram horizontes que dão à sua faina significado universal e humano. Para este filósofo cristão, em seu entardecer, deve ser gratificante receber a saudação destes amigos de todos os continentes e que hoje agradecem sua ajuda."

Mas a sua obra não são apenas os livros, mas também a ação daqueles a que permitiu melhor conhecer a doutrina e traçar a imagem de uma nova comunidade livre, pluralista e justa, na qual o cristianismo possui uma ampla margem de responsabilidade pessoal e, por isso, uma grande independência.

Senhoras e senhores, espero que este evento sirva para estimular, no público que nos assiste pela TV Senado, especialmente entre os jovens, o interesse por conhecer a obra de Jacques Maritain, generosa fonte de inspiração intelectual, alento moral e exemplo de coragem política para os democratas de todos os matizes.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (João Alberto Souza) – Concedo a palavra ao nobre Senador Eduardo Suplicy.



O SR. EDUARDO SUP LICY (Bloco/PT – SP) – Exm^o Sr. Presidente, Senador João Alberto Souza; Rev^{mo} Sr. Dom José Freire Falcão, Arcebispo Emérito de Brasília; Exm^o Sr. Ministro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tanta afinidade vem demonstrando, à frente do seu Ministério, com as idéias aqui apresentadas hoje, na tradição de Jacques Maritain e Alceu de Amoroso Lima; Ilm^o Sr. Alceu Amoroso Lima Filho, Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil; Rev^{mo} Sr. Dom Edson Luiz Campos da Silva, Bispo da Igreja Católica Brasileira; Eminentíssimo Senhor Dom João Evangelista, Bispo Auxiliar Emérito de Brasília; Reverendíssimo Senhor José Carlos Brandi Aleixo, Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais; quero cumprimentar especialmente o Senador Marco Maciel pela iniciativa desta sessão comemorativa dos 30 anos do Instituto Jacques Maritain, da qual também participo, com grande satisfação, em nome do Partido dos Trabalhadores.

Fundada em Roma, trata-se de uma associação cultural com fins não lucrativos, que opera hoje em 19 nações afiliadas, em consonância operacional com a Unesco e com a FAO. No Brasil, instalou-se em março de 1992, com o propósito de difundir os preceitos da matriz e reunir intelectuais inspirados pelo espírito da promoção de um humanismo integral.

Sua finalidade maior consiste em contribuir para o estudo e debate de questões contemporâneas, de ordem filosófica e espiritual, no âmbito complexo das sociedades modernas. Na função de verdadeiro laboratório intelectual multinacional e interdisciplinar, promove pesquisas que envolvam o homem, sua cultura heterogênea e sua estratificada sociedade.

Jacques Maritain, a quem se atribui tão nobre inspiração institucional, foi um típico pensador francês da virada do Século das Luzes, imerso nos estudos sobre Spinoza e sobre os fenômenos das ciências naturais. Embora oriundo de família agnóstica, converteu-se ao cristianismo, enveredando por um "tomismo" renovado, adaptado a uma metafísica contemporânea.

Segundo os biógrafos, sua genialidade se prendia, antes de tudo, a uma genuína combinação de um racionalismo antropocêntrico com um irracionalismo panteísta. Não acidentalmente, Maritain e sua esposa foram recebidos, sem qualquer resistência, na Ordem dos Beneditinos na condição de humildes oblatos.

Além da França, Maritain exerceu o magistério no Canadá e nos Estados Unidos, na primeira metade dos anos 40. De 1945 a 1948, serviu como embaixador francês no Estado do Vaticano. Em 1960, após o falecimento da esposa, Maritain se retira para Toulouse, na convivência da Fraternidade dos Irmãozinhos de Foucauld, em cuja sede realizou seu noviciado aos 88 anos. Morreu aos 90 anos, imerso em um ambiente de oração, silêncio e contemplação.

De suas obras, vale destacar *Reflexões sobre a Inteligência e sobre sua Vida Própria* (1924), *Arte e Escolástica* (1929), *Os Graus do Saber* (1932), *Humanismo Integral* (1936), *Pessoa e Bem Comum* (1947) e, por fim, *O Camponês de Garona* (1966).

De acordo com os historiadores do pensamento contemporâneo, não houve questão no âmbito da Filosofia, das Artes e da Ciência que não tivesse sido abordada pelo estudioso Jacques Maritain. Na verdade, literatura, arte, ciência, ética e política nacional e internacional. Não se registra qualquer domínio do pensamento de seu tempo de que o filósofo Jac-

ques Maritain não tenha participado, explorado e reconhecido, com sua presença irradiadora.

Na América Latina, os argentinos hospedaram Maritain durante sua viagem a Córdoba em outubro de 1936. Naquela ocasião, proferiu uma palestra endereçada à comunidade da Universidade Católica, intitulada: "Ciência Moderna e a Filosofia". Aos brasileiros, restou-nos, naquela oportunidade, acompanhar de longe, mas sempre com muito interesse, as palavras sábias do filósofo francês.

Diante de um roteiro de vida tão prodigiosamente altruísta e tão igualmente despido de veleidades materiais, a fundação do Instituto Jacques Maritain não poderia assumir perfil mais fiel aos ideais de seu filósofo maior. E é desses ideais que depende todo o sucesso prático do projeto humanitário previsto em seu estatuto.

Mais precisamente, seguindo os preceitos definidos nos estatutos sociais, a instituição tem como objetivo estudar, aprofundar e difundir a cultura nos princípios de um humanismo integral. Na prática, isso significa trabalhar por um desenvolvimento que alcance a configuração de um homem íntegro, integral e em solidariedade com todos os outros homens e mulheres.

Em outras palavras, trata-se do delineamento da moldura de um homem completo, em todas as suas dimensões, não apenas biológicas e econômicas, mas também espirituais, e sem a exclusão dos mais pobres. Por isso, o Instituto não se furta a participar de eventos e seminários que explorem reflexões aprofundadas sobre a pobreza e métodos para combatê-la.

Nessa perspectiva temática mais flexível, o Instituto Jacques Maritain do Brasil, para além da reflexão sobre o pensamento do filósofo em epígrafe, se debruça também sobre outros humanistas cristãos, do jaez de Lebreton, Iginio Giordani, Mounier, Teilhard de Chardin, Alceu Amoroso Lima, Rubens Ricupero e muitos outros.

Para tanto, cumpre suas metas investigativas mediante a montagem de núcleos de estudos nas principais universidades do País, incontestáveis focos de fermentação intelectual dos ideais humanos. No entanto, em caso de necessidade, outras

instituições que se mostrem adequadas a tal fim podem vir a dar abrigo aos núcleos de estudo.

Por fim, atendida para os avanços incessantes da tecnologia da informação, a Instituição lança mão da internet como ferramenta indispensável à transmissão e troca de conhecimento. Como bem frisa Alceu Amoroso Lima Filho, Presidente do Instituto, “se dependermos de presenças pessoais no mesmo lugar, ao mesmo tempo e com frequência, certamente teríamos que procurar a ajuda de Diógenes, e sair com uma lanterna a procurar (...) gente que quisesse se juntar a nós”. Quero dizer, prezado Alceu Amoroso Lima Filho, que me disponho, de pronto, a me juntar aos que colaboram no Instituto Jacques Maritain, seguindo essa tradição, para debater também os propósitos e projetos nos quais muito tenho acreditado, inclusive a proposição, transformada em lei pelo Congresso Nacional, que institui a garantia de uma renda para todos os brasileiros e brasileiras como direito de todos partilharem da riqueza da Nação, à luz daquilo que é hoje um dos principais projetos implementados pelo Ministro Patrus Ananias, um desenvolvimento, portanto, do Programa Bolsa-Família e dos projetos que S. Ex^a coordena e administra tão bem.

Para encerrar, nada mais justo que reiterar, com imenso júbilo, as congratulações pelos 30 anos do Instituto Jacques Maritain, na certeza de que seu papel se reveste de grande importância. Aos seus dirigentes e coordenadores, o País presta especial homenagem estimando-lhes um ambiente extremamente profícuo de trabalho, pesquisa e reflexão intelectual.

Meus parabéns! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (João Alberto Souza) – Concedo a palavra ao nobre Ministro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.



O SR. PATRUS ANANIAS (Ministro de Estado do Desenvolvimento Social e Combate à Fome) – Exm^a Sr. Senador João Alberto, Presidente desta sessão, quero saudar todos os Srs. Senadores presentes na pessoa do Senador Marco Maciel, autor da proposição

deste evento comemorativo do 30^a aniversário da criação do Instituto Jacques Maritain; saudar o Arcebispo Emérito de Brasília, Dom José Freire Falcão; Dom Edson Luiz Campos da Silva, Bispo da Igreja Católica Apostólica Brasileira; saudar o fraterno amigo Alceu Amoroso Lima Filho, Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil; meu também fraterno amigo e confrade na nossa Academia Mineira de Letras, o Padre José Carlos Brandi Aleixo, Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais; Dom João Evangelista Terra, Bispo Auxiliar Emérito de Brasília, quero saudar todas as demais autoridades e pessoas aqui presentes e agradecer ao Senador João Alberto Souza pela delicadeza do convite para que eu pudesse falar também neste momento – sei que, inclusive, quebrando um pouco o protocolo.

Sinto-me à vontade, dentro das minhas limitações, para prestar um depoimento sobre Jacques Maritain e a influência que teve na minha formação pessoal, na formação do nosso

País, e a grande influência que exerceu na América Latina e em todo o mundo.

Eu me permito recordar que, muito jovem ainda, adolescente no interior de Minas, em Bocaiúva – terra do saudoso, entre outros brasileiros bons, Deputado e Ministro José Maria Alkmim e do nosso Herbert José de Souza, o Betinho, e terra também da Dona Maria, mãe dos irmãos Souza, Betinho, Henfil e tantos mais –, eu, secundarista em Bocaiúva, com 17 anos de idade, escrevi uma carta para o Dr. Alceu Amoroso Lima, manifestando as minhas inquietações, na época, em relação ao que me parecia uma mudança nas posições de Maritain, na perspectiva de uma linha mais conservadora. Isso ocorreu logo depois da publicação do livro *O Camponês do Garona*, em que Maritain fazia alguns questionamentos ao próprio Concílio, às posições da Igreja, e explicitava, mais uma vez, as suas diferenças e divergências em relação à obra do Padre Teilhard de Chardin.

Formado, por influência do Dr. Alceu, nas leituras de Maritain – *Humanismo Integral; Cristianismo e Democracia; O homem e o Estado; Os Direitos do Homem; Princípios de uma Política Humanista; A Pessoa e o Bem Comum*, além de outras obras mais ligadas à questão estética da Filosofia, da arte e da poesia –, defrontei-me com o livro de Maritain *O Camponês do Garona*, um livro um pouco mais amargo, diria eu – com todo o carinho pela memória do nosso grande mestre –, escrito depois da morte de sua doce Raíssa, como dizia o nosso Dr. Alceu. Escrevi uma carta e, alguns meses depois, recebi um belíssimo documento, que pretendo tornar mais público: uma carta do Dr. Alceu Amoroso Lima, respondendo a esse jovem e obscuro adolescente do interior de Minas, expondo com a mais absoluta clareza a posição de Jacques Maritain. Dizia o Dr. Alceu que a posição de Jacques Maritain não pode ser colocada no tempo, e sim na dimensão do eterno. Ele dizia: a sua geração não pode cometer o mesmo erro que a minha geração cometeu, porque, se vocês hoje consideram Jacques Maritain um pouco à direita, nós o valorizamos muito também pela incidência política temporal da sua obra, especialmente *O Humanismo Integral*, mas a posição de Jacques Maritain, dizia

o Dr. Alceu, tem de estar, assim como a Igreja, na dimensão do eterno, exatamente porque a sua obra tem essa dimensão da eternidade, uma vez que é uma obra inspirada diretamente nos fundamentos do Evangelho e da transcendência.

E, nesses dias, a presença de Jacques Maritain e de Alceu Amoroso Lima voltaram com muito vigor na minha vida, porque, amanhã, estarei no Rio de Janeiro para receber o Prêmio dos Direitos Humanos, no Centro Alceu Amoroso Lima. A convite do professor Cândido Mendes de Almeida, escrevi o prefácio de um livro que deverá ser também relançado amanhã: *O Problema do Trabalho*.

É claro que fiz esse texto dentro das minhas enormes limitações e, sobretudo, considerando as questões do tempo, mas fiz questão de fazê-lo, e isso me pôs, novamente, em contato com a obra do Dr. Alceu e de Maritain, porque, para mim, os dois estão muito ligados desde essa experiência que narrei da minha juventude em Bocaiúva.

E, ao longo da minha vida, Jacques Maritain, Alceu Amoroso Lima e outros por eles também muito influenciados. Quero também prestar homenagem a um mineiro que exerceu uma grande influência na minha formação, o Professor Edgar de Godói da Mata Machado, que, por um período ainda que pequeno, esteve presente neste Senado Federal. Lembro que várias personalidades aqui citadas, como Franco Montoro, Dalmo de Abreu Dallari, Fábio Konder Comparato, Dom Hélder Câmara, Dom José Maria Pires, Plínio de Arruda Sampaio, pessoas tão diferenciadas em posições políticas, mas tão unificadas nos compromissos éticos e sociais, têm uma referência fundamental em Maritain, especialmente no humanismo integral, e uma referência fundamental em Alceu Amoroso Lima como sendo o mais completo intérprete com luz própria – em alguns casos, transcendendo a própria dimensão de Maritain, como no caso, por exemplo, da compreensão que Alceu teve da obra de Teillard de Chardin e na abertura que teve também para movimentos novos dentro da Igreja e da sociedade.

Sem me alongar mais, quero dizer que esta homenagem a Maritain é da maior relevância, bem como o trabalho feito pelo Instituto Jacques Maritain no Brasil, sob a liderança de

Alceu Amoroso Lima Filho, do Padre José Carlos. Eu próprio tive, também, antes de vir para Brasília, participação como Presidente do Instituto Jacques Maritain na Regional de Belo Horizonte. Mas penso que não estamos aqui prestando uma homenagem ao passado e, sim, reafirmando um compromisso com o futuro. E é nesse sentido que entendo, hoje, a advertência sábia de Alceu Amoroso Lima, a dimensão eterna da obra de Maritain, porque, no momento em que estamos vivendo no contexto dessa crise civilizatória, a obra de Maritain e daqueles que com ele formaram o que chamamos o personalismo comunitário é de uma atualidade fundamental.

Vejo que a humanidade, neste momento histórico, oscila entre dois pólos. De um lado, o individualismo, vitorioso neste momento; o liberalismo, não o político, dos direitos humanos, dos direitos e garantias individuais, mas aquele sem limites, no campo econômico, denunciado por tantos, como Norberto Bobbio, por exemplo, que diferenciava tão bem o liberalismo político do liberalismo econômico; o individualismo é a exacerbação da pessoa em detrimento do bem público, do bem comum, do projeto nacional. No outro extremo, tivemos também as experiências fracassadas do coletivismo, do estatismo, que nega a dignidade da pessoa humana.

A grande contribuição de Maritain, no melhor da tradição cristã, foi ter colocado no campo da filosofia política, especialmente com *Humanismo Integral*, mas também com outras obras aqui mencionadas, um caminho novo, uma alternativa absolutamente cristã, em que os direitos humanos são respeitados, a dignidade humana, o mistério da pessoa, as diferenças, o pluralismo, em que cada ser humano pode aportar a sua contribuição ao bem comum, mas, ao mesmo tempo, a dignidade humana, confrontada dialeticamente, integrada com as exigências superiores do bem comum, da justiça social, do interesse público, dos valores comunitários.

Eu reli, há poucos dias, para fazer este modesto prefácio, *O Problema do Trabalho*, a dimensão do personalismo comunitário, a superação do individualismo e do coletivismo estão presentes também, com a maior clareza, no legado que nos deixou Alceu Amoroso Lima.

Termino dizendo que esta é uma grande emoção para mim. Tenho procurado, ao longo da minha vida, ser fiel a esses dois mestres que me acompanham desde a adolescência e lembrar que, na obra de Maritain, na obra de Alceu Amoroso Lima e de tantos outros discípulos aqui citados, um tema é permanente, constante: o compromisso com os pobres e com a justiça social. O clamor dos pobres sempre se fez presente na vida e na obra de Maritain e de seu maior intérprete aqui no Brasil, Amoroso Lima.

E é também em nome desse compromisso com os pobres, do resgate ético fundamental da dignidade humana, por meio dos direitos sociais básicos, que penso que Maritain continua presente.

Portanto, estamos aqui, hoje, reafirmando valores e compromissos. E, enquanto a aventura humana continuar – Alceu Amoroso Lima tinha toda razão! –, enquanto houver um pensador peregrinando aqui nesta terra, com a lucidez, com o discernimento, com a proposta de integração pessoa/comunidade de Jacques Maritain, haverá sempre uma luz a nos guiar no caminho de uma sociedade mais justa.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (João Alberto Souza) – Concedo a palavra ao Sr. Alceu Amoroso Lima Filho, Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil.



O SR. ALCEU AMOROSO LIMA FILHO – Desculpe-me, Senador. Eu redigi algumas notinhas que, se eu levar todas, caem pelo caminho e não chego lá.

Outra vez, Exm^a Sr. Ministro Patrus Ananias, meu amigo Patrus, Vice-Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil e Conselheiro do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, onde, amanhã, vamos lhe entregar o Prêmio Alceu Amoroso Lima de Direitos Humanos, com toda justiça; Rev^{mo} Sr. Emérito de Brasília, D. José Freire Falcão; Eminentíssimo Bispo da Igreja Católica Apostólica Brasileira D. Edson Luiz Campos da Silva; Rev^{mo} Sr. Bispo Auxiliar Emérito de Brasília D. João Evangelista; Reverendo Padre José Carlos Brandi Aleixo, nosso Vice-Presidente de Brasília e, em grande parte, responsável por esta sessão tão simpática em homenagem a Maritain; muito especialmente o Senador Marco Maciel, cuja iniciativa possibilitou esta sessão, eu queria, em primeiro lugar, justificar meu atraso. O avião quebrou. Deveria ter decolado às 8h, o que só ocorreu às 10h. Graças a Deus, quebrou parado em terra, e chegamos aqui.

Eu sou Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil desde 1992, como referiu o Senador Eduardo Suplicy, e direi algo um pouco questionável, mas de propósito: pessoas são maiores do que instituições em geral. E citarei aqui pessoas.

A primeira foi quem me determinou que fosse Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil, o ex-Governador, de tanta memória, André Franco Montoro, amigo da minha família, do meu pai, pela mão de quem ele foi para política – ele dizia isso sempre –, nos idos de 1940, quando fizeram uma peregrinação pela América Latina em nome da democracia cristã e que surgiram muitos partidos democratas cristãos, como o do Frei, pai e filho, e o da Venezuela, aqui citado. Queria mencionar também os monges beneditinos na pessoa de Dom Cândido Padin, muito especialmente, que foi fundador do Instituto Jacques Maritain do Brasil, em 1992; o ex-Embaixador Rubens Ricupero, que hoje é o Presidente do Conselho do Instituto Jacques Maritain, que me pediu que justificasse a sua ausência porque está em viagem, em outros compromissos. E agradeço muito especialmente ao Senador Jefferson Péres a referência que fez à necessidade de buscar inspiração em Maritain no momento atual, em que todos nós brasileiros vemos o que está se passando em matéria de dificuldades éticas e seus corolários.

Especialmente, emociona-me muito estar neste lugar, com este cargo. É claro que me emociona ter o nome que tenho. Eu queria naturalmente reverenciá-lo porque gostava muito dele. Gosto muito dele. Ele morreu há vinte anos.

Outro dia, ouvi uma expressão dele que gostaria de trazer neste momento, porque penso que tem muito cabimento, sobretudo com referência às palavras do Ministro Patrus. Isso ocorreu em uma entrevista, no "Canal Livre", na TV Bandeirantes, há mais de vinte anos. O painel de entrevistadores era composto por pessoas que já faleceram, como Darcy Ribeiro e Otto Lara Resende, e por pessoas que ainda estão vivas, como Lygia Fagundes Telles e o Ministro Célio Borja. Revi essa entrevista agora em DVD e gravei muito uma idéia que se encaixa perfeitamente no que o Ministro Patrus acabou de dizer. Perguntado sobre o capitalismo – isso foi verbal, não sei se está escrito –, ele disse que o capitalismo é ruim porque esquece a justiça; e o socialismo também é ruim porque esquece a liberdade. Daí ele concluía que o maior e mais

importante valor é a liberdade, algo que estamos procurando no Instituto Jacques Maritain nesses mais de dez anos.

Estamos tentando, com nosso esforço, embora pequeno, lá em São Paulo e em muitos lugares – cito aqui também o ex-Ministro Nelson Ribeiro, da Reforma Agrária, que é nosso Vice-Presidente, na região Norte, em Belém –, no Instituto Jacques Maritain, fazer públicas as idéias dele – essa é nossa obrigação – e de todos que o sucederam, entre os quais, naturalmente, se encontra o meu pai, que tenho a honra de representar postumamente.

Agradeço a V. Ex^a, Sr. Presidente, Senador João Alberto Souza, a delicadeza.

Estamos em São Paulo, à disposição. (Palmas.)



O SR. PRESIDENTE (João Alberto Souza) – Esta sessão deveria ser presidida pelo Senador Renan Calheiros. Entretanto, S. Ex^a se encontra em audiência com o Excelentíssimo Senhor Presidente de República. O pronunciamento

que S. Ex^a preparou vai à publicação e será parte integrante da Ata da presente sessão.

É o seguinte o discurso encaminhado:

O SR. RENAN CALHEIROS (PMDB – AL) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, é muito oportuna a lembrança do Senador Marco Maciel de requerer esta homenagem do Senado pelos 30 anos de fundação do Instituto Jacques Maritain e pelos 10 anos de lançamento da obra completa do grande filósofo francês.

O estudo da obra de Maritain é fundamental, numa época de individualismo feroz, vaidades exacerbadas e consumismo desenfreado. Mas também de misticismo obscurantista e fundamentalismos religiosos.

Maritain era, ao mesmo tempo, um pensador católico e um progressista. Demonstrou a importância da inteligência e do progresso da humanidade, da ciência, da primazia do homem e do conhecimento humano. Mas, para ele, todos esses avanços somente tinham razão de ser em nome do bem-estar coletivo, e lado a lado com o progresso espiritual, com a sabedoria, com a fé.

Para Maritain, a democracia tem sentido apenas se todos, sem exceção, usufruírem dos benefícios da riqueza, da cultura e do desenvolvimento, bem como do progresso espiritual, que deve caminhar junto com o material.

Sem isso, o desenvolvimento da humanidade leva apenas à decadência, ao individualismo, ao egoísmo e ao relativismo moral. Foi Maritain quem reavivou a filosofia de São Tomás de Aquino, que incorporou as idéias de Aristóteles para demonstrar que fé e razão devem caminhar juntas.

Participam do Instituto Jacques Maritain no Brasil nomes de expressão, como Alceu Amoroso Lima Filho, o Ministro Patrus Ananias, o Professor Cândido Mendes, o Bispo Dom Tomás Balduino e o Padre José Carlos Brand Aleixo, filho do saudoso Pedro Aleixo.

Na sessão de hoje, homenageamos também dois grandes ausentes, seguidores de Maritain: o ex-Governador e ex-Senador Franco Montoro e o grande pensador católico Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde.

Quero cumprimentar o Senador Marco Maciel pela oportuna lembrança e também o Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil, Alceu Amoroso Lima Filho, pelo belo trabalho realizado.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (João Alberto Souza) – Concedo a palavra ao nobre Senador Flexa Ribeiro.



O SR. FLEXA RIBEIRO (PSDB – PA) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, que minhas primeiras palavras sejam de aplauso a esta Casa pela feliz decisão de dedicar Sessão à celebração do trigésimo aniversário do Instituto Jacques Maritain. Ao fazê-lo, estendo meus cumprimentos ao nobre Senador Marco Maciel, autor e primeiro subscritor do requerimento que, aprovado, tomou possível a presente homenagem.

Ao voltarmos nossa atenção para um tema como o que nos congrega neste momento, contribuimos para que o Parlamento se revista da grandeza que justifica sua existência. Afinal, por mais tensos que sejam os embates políticos, por mais graves que sejam as questões econômicas e por mais urgentes que sejam as demandas sociais, a instituição parlamentar também existe para refletir sobre as mais diversas circunstâncias que envolvem a vida social. Nos dias de hoje, provavelmente com intensidade ainda maior do que no passado, essa reflexão se faz necessária. Eis por que me associo a todos quantos, aqui e agora, elevam suas vozes para enaltecer a obra do Instituto Jacques Maritain e, acima de tudo, o pensamento e a ação de seu inspirador e patrono. Rememorar esse singular pensador é também uma forma de homenagear seus seguidores, homens e mulheres que, pelo mundo afora, inclusive entre nós, se esforçam por preservar seu legado e difundir suas idéias.

Em suma, além de intrinsecamente justa, a homenagem não poderia ser mais oportuna. Afinal, vivemos uma época historicamente complexa, conceitualmente contraditória e, a rigor, indefinível. Não são poucos, aliás, os que encontram na expressão “tempos sombrios” a maneira mais contundente de classificá-la.

Velhos paradigmas – ideológicos, culturais, religiosos e políticos – não conseguiram sobreviver à avalanche de transformações que, com profundidade e formidável rapidez, impuseram nova face à civilização contemporânea. Todavia, e nisso consiste a grande tragédia espiritual do tempo presente, estabeleceu-se uma espécie de vázio em termos de valores, já que as antigas categorias não encontraram quem as substituísse. Daí a dimensão extraordinária da crise dos dias de hoje. Crise que é, antes de tudo, civilizacional, pois que se nutre dos desencontros econômicos, políticos, sociais e culturais, a todos envolvendo e deles transcendendo.

Talvez com mais propriedade agora do que quando foram escritos, os versos de Drummond exalam dolorosa atualidade. Vivemos “tempos partidos, de homens partidos”. Em meio à fragmentação absoluta que rege nossas vidas, imperioso se torna repensar o ser humano, concebido em sua integridade material e espiritual, sujeito e objeto de uma História que outra coisa não deve ser senão o contínuo processo de sua própria humanização. Quando se pensa dessa forma, faz-se a imediata e direta ligação com o conceito de humanismo integral tão bem elaborado por Maritain.

Tal como Tomás de Aquino, que, em plena crise da Baixa Idade Média européia, inteligentemente esforçou-se por fazer a convergência entre o pensamento filosófico clássico e a fé que professava, Jacques Maritain busca responder aos enormes desafios de um mundo convulsionado por duas grandes guerras construindo um sistema filosófico assentado na fé inabalável na transcendência, no primado da ética, nos fundamentos morais, na democracia como valor universal, nos direitos e deveres fundamentais decorrentes de uma ordem universal instituída por Deus.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores, hoje, mais que nunca, Maritain se faz necessário. A seu modo, ele nos ensina que o que efetivamente confere sentido à vida não é apenas estar no mundo, mas o desejo de transformá-lo. Mais, ainda: sendo a própria manifestação da liberdade, o homem não pode exercê-la egoisticamente. Antes, é por meio dessa liberdade que ele está impelido a fundamentar o bem comum.

Num mundo marcado pelo egoísmo e pela decadência, no qual o mais comum é o estar só no meio da multidão, Maritain é como um farol a iluminar a escuridão de mares bravios e águas tormentosas.

Maritain é um farol na busca de um futuro menos individualista e mais generoso. Em uma palavra: de um futuro mais digno do homem, esse ser que foi, e ainda é, a mais bela criatura forjada pelas mãos de Deus.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (João Alberto Souza) – Cumprida a finalidade da sessão, agradeço às personalidades que nos honraram com seu comparecimento.

Está encerrada a sessão.

SENADO FEDERAL
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900
Brasília – DF
OS nº 455/2006



Da esquerda para a direita: Ministro Patrus Ananias, Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Dom José Freire Falcão, Arcebispo Emérito de Brasília; Senador João Alberto Souza, Presidente; Bispo Dom Édson Luiz Campos da Silva e Dr. Alceu Amoroso Lima Filho, Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil.

